

A IDEN T IDADE

Imagenacionalidade

Antonio Basilio Rodrigues

*Não é em Portugal
que nós sabemos realmente
que somos portugueses,
é fora dele.*

A obsessão pelas questões de identidade — quem somos, onde estamos, para onde vamos — o reflexo perverso de nos estarmos sempre a comparar com os outros, para nos exaltar ou nos denegrir, tem hoje qualquer coisa de anacrônico.
(E.L., *J. Letras*, 10-16/9/91)

Autor de obra ensaística considerável, já pela quantidade e sobretudo pela qualidade, Eduardo Lourenço (de Faria) nasceu a 23 de maio de 1923, na Freguesia de São Pedro do Rio Seco, Conselho de Almeida, Beira Alta.

Depois dos estudos primários e início dos secundários em sua Província, frequentou de 1934 a 1940 o Colégio Militar de Lisboa, para depois matricular-se na Faculdade de Letras de Coimbra — 1940 a 1945 — terminando por licenciar-se em Ciências Histórico-Filosóficas.

Professor-Assistente de Filosofia na Universidade de Coimbra, 1947, exerceu funções docentes até 1953, época em que inicia um período de atividades de Leitor do Governo Português nas Universidades de Hamburgo, 1953/1954, Heidelberg, 1954/1955, Montpellier, 1955/1958, deslocando-se para a Bahia, em cuja Universidade regeu a Cadeira de Filosofia como Professor Convidado, 1958/1959. Retorna ao leitorado, primeiramente na Universidade de Grenoble, 1960/1965, e Nice, 1965/1968, culminando por ser nomeado Assistente Associado desta última, em seguida *Maître-Assistant* e Professor-Associado até 1988, ano em que se aposentou; exercendo também as funções de Adido Cultural da Embaixada de Portugal em Roma.

Foram-lhe atribuídos os seguintes prêmios: o da Casa da Imprensa, pela publicação de *Pessoa Revisitado*; o Jacinto do Prado Coelho, 1984, por *Poesia e*

Metafísica; o Nacional de Crítica, 1986, por *Fernando, Rei da Nossa Baviera*; o Prêmio Europeu de Ensaio Charles Veillon, Suíça, 1988, pela obra *Nós e a Europa, ou as Duas Razões*. Foi também agraciado com a Ordem de Santiago de Espada, em 10 de junho de 1981.

Tem participado de Congressos, Simpósios, Encontros, tendo-se deslocado por várias vezes ao Brasil, ainda recentemente, e participou efetivamente do XIII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa, realizado na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1990.

Os seus escritos editados já ultrapassam as três dezenas, ainda excluída alguma colaboração em revistas como *Colóquio — Artes e Letras — O Tempo e o Modo* e *Jornal de Letras*, de Lisboa.

Heterodoxia I, e *Heterodoxia II*, 1949 e 1967, constituem suas primeiras incursões nos estudos filosóficos e o início de um percurso amplo e multifacetado, uma “errância intelectual”, como se refere em 1987, em texto inserido em *Nós e a Europa*, 1988, com o título de “A Europa em Crise e a Crise da Universidade”: “Errância: deriva no espaço, mas também no tempo, aventura espiritual sem fim, cotejando em permanência não só a possibilidade, mas até a necessidade de *erro*, condição indispensável do regresso a Ítaca, a terra natal da liberdade e da verdade, liberdade para buscar a verdade e verdade para preservar a liberdade”¹.

No transcurso de tempo de quase 40 anos, entre a elaboração das obras acima referidas, observa-se um processo de lúcida intervenção na problemática da cultura portuguesa, ressaltando decisivas e fundamentais questões, analisadas na sua especificidade, com invulgar capacidade de reflexão, arguta e penetrante, ainda que mais seja para estabelecer do que ponderar, numa espécie de *Quod erat demonstrandum*. A matéria em discussão adquire na exposição a força e o brilho das grandes sínteses, luz que ilumina sem cegar, que alumia os labirintos e esclarece os caminhos, impelindo-nos a pensar e remover as seculares vendas, ou roupas — “Tristes de nós que trazemos a alma vestida”, exclama Caeiro — a que placidamente estamos comodamente acomodados, valha a redundância, saciados de “verdades” a que os ouvidos e os olhos já se acostumaram, de tão repetidas e comentadas: “Recusar a verdade dos outros ou o espírito com que eles a vivem não é o mesmo que encontrar a sua. É apenas ficar nu, situação inconfortável num mundo vestido, mas não forçosamente trágica. A única tragédia, que é sempre ilusão, é estar nu e supor-se vestido”².

Difícilmente qualificável, poder-se-ia dizer que Eduardo Lourenço é um *Ensaísta*, como o foi Antonio Sérgio, mais do que propriamente um crítico literário, e nessa acepção revela-se um dos mais pertinentes pensadores da identidade nacional portuguesa. A sua particular capacidade de reflexão advém certamente de sua formação filosófica, que se revela no fluxo e no desencadeamento das idéias, o que sem dúvida respingou de Hegel, repensando — e obrigando-nos a pensar — o homem e concretamente sua situação no aspecto histórico e cultural.

A partir do encontro com os textos literários e/ou ideológicos “lidos”, o

Ensaísta constrói o seu discurso, articulado e claro, elucidando-os e ampliando-os, a palavra poética considerada uma peculiar maneira de dizer, de ser: “É poeticamente que habitamos o mundo ou não o habitamos”, sentença em *Tempo e Poesia*, e acrescenta que “ferido de ingênita impotência, o discurso traduz apenas o nosso-curso-no-mundo”.³

Assim, o seu discurso inteligente — *intelligentsia* — em que as palavras não aparecem como mero aparato de linguagem, precisa idéias, cria conceitos, transmite pensamentos e atitudes. Melhor diria Eduardo Prado Coelho, na apresentação que fez do autor de *O Labirinto da Saudade*, no já aludido XIII Encontro de Professores, depois de “situá-lo em torno de algumas palavras. A primeira palavra é heterodoxia. (...) A segunda palavra é identidade”, e para concluir salienta: “— a capacidade de colocar qualquer questão num espaço em que nos sentimos implicados no mais fundo das nossas inquietações e interrogações; — uma imensa generosidade do pensamento, um gosto de pensar, pensar em voz alta e pensar com os outros, a partir da provocação dos outros; — na ausência de receitas, que seria absurdo esperar, Eduardo Lourenço dá-nos a certeza de que, quando alguém é capaz de pensar com esta evidência e com esta energia, alguma coisa se desloca em nós e nos faz aproximar daquilo que é mais perfeito, mais contagiante e mais justo”⁴.

Autor de ensaios — seus livros constituem coletâneas de textos veiculados anteriormente em diversos meios e diferentes épocas — Fernando Lourenço é o primeiro a reconhecer e avaliar que “o ensaio é, por essência, o objeto literário não identificado”, enquanto consente que “sou o autor de quem falo ou aquilo de que falo e, se alguma coisa multiplico, é a minha própria insatisfação”, como está no discurso lido na A.P.E., por ocasião da entrega do prêmio de ensaio Jacinto do Prado Coelho, atribuído ao livro *Fernando, Rei da Nossa Bavieira*.

“Ensaíar é conviver”, mas assim como a “heterodoxia não é fácil (...) não há ensaísmo feliz”, porque muitas e diversificadas são as vertentes e a natureza do itinerário e do objeto de seu discurso. Todavia, a especulação sobre questões de caráter filosófico, literário ou político creditam ao pensador da identidade nacional portuguesa o relevo e louvor de um dos mais judiciosos intérpretes.

Como a ele nos referimos, a propósito de “Escrever Portugal”, Eduardo Lourenço escreve Portugal. Escreve para assinalar e discutir suas conexões internas, a interdependência e a ação recíproca dos fatos que consubstanciam sua civilização. Dessa forma organiza uma história da cultura, esta dialeticamente considerada fenômeno social que representa o nível de desenvolvimento alcançado pela sociedade em determinada etapa histórica, nas diferentes áreas do conhecimento e nas instituições que lhes correspondem.

Eduardo Lourenço é um escritor. Escritor a quem o momento histórico exige uma participação efetiva, como autor e produtor de um texto, como pensador solicitado a intervir criticamente na crise e na oportunidade que lhe sucederá, pois, seguindo a linha de Walter Benjamin, impõe-se “uma exigência para o escritor, a exigência de *repensar*, de refletir sobre a própria posição no processo de produção”⁵.

Como informa no “Breve Esclarecimento” de *O Labirinto da Saudade* — e o que servirá, ademais, para considerável parte da obra ensaística do autor — “Embora pensado e escrito fora de Portugal este livro não vem do que é moda designar como Diáspora e muito menos de qualquer lugar ou situação que o autor ressinta como exílio (...) Exílio verdadeiro, o autor destas reflexões só o conheceu no interior de seu país, como muitos outros seus camaradas e contemporâneos, e dessa experiência procede sem dúvida a raiz última do interesse obsessivo para ver claro na realidade do povo a que pertence e para compreender a estrutura desse silêncio que periódica, senão em permanência, coage do interior o diálogo sempre precário da cultura portuguesa consigo mesma”, e acrescenta ainda que “pela força das coisas, todos os textos deste livro foram escritos e pensados fora de Portugal, se é que este ‘fora’ tem algum sentido pertinente em relação ao objeto que nele se aborda.”⁶

Assim é que Eduardo Lourenço faz questão de assinalar Nice/Vence, Hamburgo, Montpellier, Nashville, Paris, Beuil, Bahia, como o sítio de elaboração de escritos representativos da sua atividade de pensador.

A intervenção de Eduardo Lourenço como pensador da cultura portuguesa constitui, nunca será demais repeti-lo, uma referência obrigatória e basilar. A par de entusiastas e adeptos de sua linha de investigação, há diversamente os que consideram sua óptica analítica “pessimista”, talvez até “negativista”, como em um de seus primeiros escritos se pode entrever: “O mundo da cultura portuguesa arrasta há quatro séculos uma existência crepuscular (...) Se exceptuarmos a poesia, não encontramos ao longo de nossa história um movimento religioso profundo, uma arte com grandeza, uma filosofia coerente. Será preferível não falar na ciência”⁷.

Crepúsculo — o signo e/ou sua relação semântica — têm sua recorrência no texto eduardiano, assim como sua concepção, que fixa a também recorrente antítese passado/presente — o passado que alimenta o presente — existente em si apenas como memória (e seus olhos vão até Camões), numa espécie de deambulação labiríntica da realidade para a irrealidade, no esteio da idéia de pátria-saudade de Pascoaes, referida e condensada, principalmente em dois ensaios nucleares: “Da Literatura como Interpretação de Portugal”, 1975, inserto em *O Labirinto da Saudade* e “Identidade e Memória”, 1984, texto inicial de *Nós e a Europa*, num espaço a-temporal entre os “delírios patológicos” (Aceitemo-nos com a carga inteira do nosso passado que de qualquer modo continuará a navegar dentro de nós), na visão de 1975, e o “delírio pouco consentâneo” (Mas essa é também uma muito antiga e constante maneira de *ser português*), na revisão de 1984, alertando, aqui e agora, que “Da Literatura com Interpretação de Portugal” é um dos textos mais próximos, posteriores ao 25 de abril de 1974.

No meio desse percurso analítico, ao considerar-se que “só se busca o que se perdeu...”, em “A Amorosa Iniciação”, 1980, de *Poesia e Metafísica*, acentua com propriedade em “Camões ou a Nossa Alma”, que “Camões fez mais do que pintar-nos. Deu-nos o palco do mundo, celebrou nele a nossa aventura descobridora e simbólica em tais termos que não parece ter-nos deixado alternativa como entidade coletiva do que refazer sem fim a viagem do Gama,

ou ficar de braços cruzados na praia deserta do Restelo a lamentarmos-nos do que fomos e já não somos, assistindo humilhados à aventura dos outros". Quanto à obra acrescenta que "*Os Lusíadas* não é um 'realístico' e medieval canto épico de uma ação presente como a de *Mio Cid*, é já a nossa coletiva 'Busca do Tempo Perdido' como a *Lírica* é, na sua essência, canto de Amor ausente ou impossível. Nenhuma palavra no vocabulário camoniano tem mais fundas ressonâncias que a palavra *memória*"⁸.

No vasto universo de conjecturas e proposições podem eleger-se estes como alguns dos principais tópicos ou perseverantes charneiras do contencioso posto em questão pelo ensaísta, que parece concentrar em "Psicanálise Mítica do Destino Português" todo o progresso — no pleno sentido que o termo admite, até no de percurso intelectual compreendido — do pensador, ao acentuar *desde a gênese*, "nós fomos, nós somos uma pequena nação que desde a hora do nascimento se recusou a sê-lo sem jamais se poder convencer que se transformara em grande nação", incluindo a *existência histórica*, "tornou-se então claro que a consciência nacional (nos que a podiam ter), a nossa razão de ser, a raiz de toda a esperança, *era o termos sido*. E dessa ex-vida são *Os Lusíadas* a prova de fogo" e particularizando a *obnubilação paternalístico-ditatorial*, "não vivíamos num país real, mas numa 'Disneyland' qualquer, sem escândalos, nem suicídios, nem verdadeiros problemas. O sistema chegou a uma tal perfeição na matéria que não parecia possível contrapor uma outra imagem de nós mesmos àquela que o regime tão impune mas tão habilmente propunha sem que essa *imagem-outra* (não apenas ideológica, mas cultural) aparecesse como uma sacrílega contestação da *verdade portuguesa* por ele restituída à sua essência e esplendor"⁹.

A sempre oportuna leitura deste ensaio faz-nos percorrer não somente o espaço "concreto" da literatura, mas o "abstrato" do regime político e nesse caldo, ou talvez linfa, os contraditórios pensamentos e *parti-pris* ideológicos que viveram aquele momento histórico, com especial referência ao movimento Neo-realista, que certamente formou ou informou uma considerável leva de participantes intelectuais, aí compreendido o autor de *Heterodoxia*.

"Que maior sinal de que fomos criados da Aventura e não seus senhores", pondera Eduardo Lourenço já em escrito de 1959, transcrito posteriormente em *O Fascismo Nunca Existiu*, na polaridade de Fernando Pessoa que cerca de 45 anos antes anunciava que o advento da República: "foi um gesto infantil, de superfície e fingimento", reconhecendo e confessando que nunca o "português tem uma ação sua. (...) Está à espera dos outros para tudo".

A trajetória intelectual do ensaísta, sua reflexão — heterodoxa — sobre a problemática da cultura portuguesa é, aludido como foi anteriormente, ampla e fundamentada, revelando sempre mais do que promete, mercê de ou graças a seus "dis-cursos" e seus "re-cursos", tal como "a palavra poética — sempre no limiar de si mesma — nos subtrai à dissolução, abrindo-nos de chofre as cem portas do Instante, nossa pátria ilimitada e natural"¹⁰.

A título de sùmula, ainda consentindo as naturais lacunas implícitas, citemo-nos: "A partir de *Heterodoxia-I*, que reflete e testemunha um momento específico do estar no mundo português, na dupla percepção o homem/o

mundo português, passando por *O Labirinto da Saudade*, 1978, que vive outro momento da sociedade portuguesa, de certa hesitação, talvez, ou de estranheza, mais propriamente, contamos agora com a obra que é ponto de chegada/local de partida, que é *Nós e a Europa, ou as Duas Razões*¹¹, obra em que são retomados e desenvolvidos os temas de identidade, da imagem, do estatuto nacional e da integração europeia, em que muito significativamente, quase um moto contínuo, o do eterno retorno, em ensaio denominado “*Camões et l’Europe*” Eduardo Lourenço conclui que “*L’Europe ne nous aurait pas autant fait attendre, si elle connaissant mieux le poème qui, le premier, a recueilli son image voyageuse en quête d’universalité. Peut-être est-ce de notre faute si l’Europe ne le connaît pas autant qu’il le mérite. Si elle l’avait mieux connu, cette nouvelle et vieille Europe aurait pu nous accueillir plus tôt, de même que la patrie de Don Quichotte, car c’est elle-même qu’elle aurait acueillie. Même si nous arrivons tout nus, le plus européen de tous les poèmes suffirait à nous vêtir*”¹².

EM ADDENDA
UM PERCURSO CRONOLOGICAMENTE DISPOSTO
DO PENSAMENTO DE EDUARDO LOURENÇO
ATÉ NÓS E A EUROPA, OBRA EDITADA EM 1988

EDUARDO LOURENÇO — PENSADOR

Ensaiai é conviver e, de algum modo, estar sempre no campo do meu inimigo adorado e invejado, essa palavra criadora que sem cessar extrai a forma viva do seu nada. É ela que me cria e me faz viver.

(Do texto lido na APE,
quando da entrega do prêmio de ensaio Jacinto do Prado Coelho,
atribuído ao livro *Fernando, Rei da Nossa Baviera*)

- 1949 — HET I — Europa — ou o diálogo que nos falta
O mundo da cultura portuguesa arrasta há quatro séculos uma existência crepuscular. (p. 21)
Se exceptuarmos a poesia, não encontramos ao longo de nossa história um movimento religioso profundo, uma arte com grandeza, uma filosofia coerente. Será preferível não falar na ciência. (p. 24)
- 1957 — OCA I — Cultura e realidade nacional ou uma querela sem sentido
O ser da autonomia portuguesa não precisa de verificação alguma, não é susceptível de contestação nem de manipulação jurídica ou intelectual. É autônomo porque se autoneia e através dessa autoneiação se autonomiza. A sua essência é a língua, realidade não-neutra mas matéria de nossa presença a nós mesmos. Nela estão inscritas todas as aventuras espirituais e concretas, corpo da nossa histórica realidade. Ela é mediadora original entre a realidade nacional e os indivíduos. (p. 23)

- 1959 — FAS — A nova república deve nascer adulta

O Velho do Restelo não é uma criação arbitrária de Camões mas o arquétipo da nossa permanente passividade. O que aconteceu foi termos feito da necessidade, virtude. A audácia pareceu-nos tamanha que nunca mais deixamos de a comentar. Que maior sinal de que fomos criados da Aventura e não seus senhores? (pp. 15-16)

- 1965 — ESP — Itinerário de Vieira da Silva ou da poesia como espaço

Se é exacto que a estrutura mais autêntica da nossa sensibilidade é a nostalgia — amor celeste e um visível sempre corroído pelo tempo, um tocar sem tocar, uma posse desposuída, como a poesia de Camões, Pascoaes ou Pessoa no-lo mostram — pintura alguma nos exprimiu jamais melhor do que esta, sob aparências cosmopolitas. (p. 76)

- 1966 — HET II — Segundo prólogo sobre o espírito de heterodoxia

Recusar a verdade dos outros ou o espírito com que eles a vivem não é o mesmo que encontrar a sua. É apenas ficar nu, situação inconfortável num mundo vestido, mas não forçosamente trágica. A única tragédia, que é sempre ilusão, é estar nu e supor-se vestido. (pp. xi-xii)

- 1967 — NEO — Prólogo

Tudo se passa como se cada um de nós tivesse uma dificuldade insuperável em conceber ou aceitar sequer a idéia de que o vizinho do lado tenha qualquer coisa a ensinar-nos ou revelar-nos (...) Nós somos desde o cantar luso-galaico a terra abençoada da elegia e do sarcasmo. (pp. 20 e 21)

- 1968 — SAU — Psicanálise de Portugal

Durante décadas tudo, ou o essencial, parecia estar sempre noutra lado, nos Paris, nos Londres, nas Nova Iorque que nós não éramos, nem podíamos ser. Seria uma ilusão supor que por obra mágica, tanto o *gap* cultural como o tecnológico, característicos da nossa existência nacional desapareceram ou possam desaparecer. (p. 198)

- 1973 — PES — Considerações pouco ou nada intempestivas

O poeta é aquele que escolheu ter um ser através da sua linguagem. Isso pressupõe que a Linguagem possa dizer o ser. Por essência a poesia nunca duvidou disso, ou duvidou afirmando-se através dessa dúvida. (...) Não é necessário ser criador de poemas para ser *poeta* no sentido radical que nós lhe damos, e Pessoa lhe dava. (pp. 22 e 23)

- 1975 — SAU — Da literatura como interpretação do Portugal

Pessoa foi, até hoje, o único de nossos grandes poetas que pôde situar-se, ao mesmo tempo, por assim dizer, no *exterior* e no *interior* da consciência cultural portuguesa. Esta dupla vista, contudo, não é um mero privilégio (ou obstáculo) abstrato. Acompanha-se da possibilidade de *nos ler* (e se ler) a partir

e um horizonte cultural preciso que tem de singular (...) o seu conatural “não-francesismo”, ou até, o seu “antifrancesismo”. (p. 114)

- 1978 — SAU — Psicanálise mítica do destino português

Tornou-se então claro que a consciência nacional (nos que a podiam ter), a nossa razão de ser, a raiz de toda a esperança, *era o termos sido*. E dessa ex-vida são *Os Lusíadas* a prova de fogo. (p. 25)

O momento parece propício não apenas para um exame de consciência nacional que raras vezes tivemos ocasião de fazer, mas para um reajustamento, tanto quanto possível realista, do nosso ser real à visão do nosso ser ideal. Nenhum povo, e mais a mais um povo de tantos séculos de vida comum e tão prodigioso destino, pode viver sem uma *imagem ideal* de si mesmo. (p. 55)

Portugal *está em discussão* após a fase em que de fora e de dentro os acontecimentos alteraram a realidade geográfica, e sobretudo, a *imagem ideal* que os portugueses tinham forjado de si mesmos e da sua Pátria ao longo de quinhentos anos. (p. 61)

Nenhum povo pode viver em harmonia consigo mesmo sem uma *imagem positiva* de si. A Revolução de Abril restituiu ao cidadão português a plenitude dos direitos cívicos comuns às democracias ocidentais... (p. 65)

- 1980 — MET — Camões ou a nossa alma

O único *presente* de *Os Lusíadas* é o da *voz* de Camões invocando e construindo a imagem mítica da Pátria de que precisa para sobreviver na verdadeira, eco, sombra e caricatura dessa outra, filha de si mesmo. Não podemos, não devemos ser mais camonistas que Camões tomando como retrato real o que para ele era já ideal. (p. 93)

- 1982 — OCA — Quase-justificação

Sem nos termos achado, nem sequer estamos perdidos. (...) A muitos respeitos, o mundo onde estamos, sem ter a configuração utópica que há vinte anos parecia plausível e para alguns certa, é uma espécie de aurora onde o evidente vazio deixado por respostas demasiado rápidas obriga a uma reconsideração total da herança humana. (pp. 10-11)

- 1985 — FER — Apoteose ou segunda morte de Fernando Pessoa?

Na realidade, se Pessoa e ele só se converteu em *super-star* na nossa Cultura da segunda metade do século XX, foi apenas porque na sua obra e no modo de existência dela se materializou uma *metamorfose* inegável da *mitologia cultural portuguesa* tal como a tradição romântica a criara e no-la legara. Quer dizer, porque só nela, e com ela, a *nossa imagem*, enquanto sujeitos históricos da cultura e, subsidiariamente, enquanto *portugueses*, se conheceu como *diferente*, como “outra”, e através dela se nos ofereceu um *Portugal-outra* que é hoje, paradoxo sumo, o de toda a gente...

Efetivamente, se Fernando Pessoa se tornou o nosso herói cultural por excelência, a nada mais o deve que à espécie de *olhar subversivo* com que

dinamitou a constelação de valores, de referências, de estereótipos, de reflexos, de modelos, que até ele tinham presidido à vida do imaginário lusíada.

Na ordem cultural moderna o favor público só consagrou a sério, e com persistência, duas revoluções do nosso olhar literário; a de Eça de Queirós e a de Fernando Pessoa. (p. 49)

- 1988 — NOS — Nós e a Europa ou as duas razões

Agora, não só *estamos* na Europa, para onde *entrâmos*, como tão significativamente se diz, como *somos* vistos como europeus (e nos vemos), começando até, em vários planos, a ser reconhecidos como “exemplarmente” europeus. Quem mudou, *eles* ou *nós*? Ou ambos?

Sob o modo de “estar” há uma aparência de reciprocidade entre os dois sentidos do nosso novo modo de ser europeus. (p. 52)

Esse “estar” na Europa ou sob o olhar da Europa, muitas vezes sob modo do “mal-estar”, tem pouco que ver com o estar de hoje, a presença europeia da Península após o 25 de Abril ou o fim da era franquista. Que aconteceu? (p. 53)

Mas é bom que nós, Portugueses e Espanhóis, que estivemos séculos dentro e fora do espaço onde se jogava ou se queria jogar a própria idéia de *universalidade*, como se a ela se devesse sacrificar a da *particularidade*, nos lembremos do que foi vivido pelos espíritos mais brilhantes das nossas culturas como uma espécie de travessia do deserto. A nossa “nova identidade” dentro da Europa não pode prescindir dessa experiência. Faz parte da nossa memória e nós dela. (p. 65)

Fontes

- HET I — *Heterodoxia I*. Coimbra, Coimbra Ed., 1949.
HET II — *Heterodoxia II*. Coimbra, Coimbra Ed., 1967.
NEO — *Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista*. Lisboa, Ulisséia, 1968.
PES — *Pessoa Revisitado*. Porto Inova. 1973. (2ª ed. Moraes, 1981).
FAS — *O Fascismo Nunca Existiu*. Lisboa, Dom Quixote, 1976.
SAU — *O Labirinto da Saudade*. Lisboa, Dom Quixote, 1978.
ESP — *O Espelho Imaginário*. Lisboa, IN-CM, 1981.
MET — *Poesia e Metafísica, Camões, Antero, Pessoa*. Lisboa, Sá da Costa, 1983.
OCA — *Ocasionais I*. Lisboa, A Regra do Jogo, 1984.
FER — *Fernando, Rei da Nossa Baviera*. Lisboa, IN-CM, 1986.
NOS — *Nós e a Europa, ou as Duas Razões*. Lisboa, IN-CM, 1988.

Notas

1. LOURENÇO, E. *Nós e a Europa*, p. 77.
2. LOURENÇO, E. *Heterodoxia II*, p. XI/XII.
3. LOURENÇO, E. *Tempo e Poesia*, p. 38/39.
4. PRADO COELHO, E. XIII Encontro de Professores, p. 31/32.
5. RODRIGUES, A.B. XIII Encontro de Professores, p. 325/326.
6. LOURENÇO, E. *O Labirinto da Saudade*, p. 16/17.
7. LOURENÇO, E. *Heterodoxia I*, p. 21/24.
8. LOURENÇO, E. *Poesia e Metafísica*, p. 91/92.
9. LOURENÇO, E. *O Labirinto da Saudade*, p. 20/21; 25; 31.
10. LOURENÇO, E. *Tempo e Poesia*, p. 39.
11. RODRIGUES, A.B. XIII Encontro de Professores, p. 326.
12. LOURENÇO, E. *Nós e a Europa*, p. 102.

Bibliografia

1. de Eduardo Lourenço:

Heterodoxia I. Coimbra, Coimbra Editora, 1949.

Heterodoxia II. Coimbra, Coimbra Editora, 1967.

Sentido e Forma da Poesia Neo-Ratlista. Lisboa, Uliússéia, 1968.

Pessoa Revisitado. Porto. Inova, 1973 (2ª ed. Moraes, 1981).

O fascismo Nunca Existiu. Lisboa, Dom Quixote, 1976.

O Labirinto da Saudade. Lisboa, Dom Quixote, 1978.

O Espelho Imaginário. Lisboa, IN-CM, 1981.

Poesia e Metafísica, Camões, Antero, Pessoa. Lisboa, Sá da Costa, 1983.

Ocasionais I. Lisboa, A Regra do Jogo, 1984.

Fernando, Rei da Nossa Baviera. Lisboa, IN-CM, 1986.

Tempo e Poesia. Lisboa, Relógio d'Água (1987) — 1ª ed. Inova, 1974).

Nós e a Europa, ou as Duas Razões. Lisboa, IN-CM, 1988.

2. Adicional

GOMES, J. Pinharanda. *Dicionário de Filosofia Portuguesa*. Lisboa, Dom Quixote, 1987.

SANTOS, Boaventura de Sousa. "Onze Teses por Ocasão de mais uma Descoberta de Portugal".

Novos Estudos CEBRAP. n.º 34, 11/92, p. 136-155.

XIII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. 30/7 — 3/8/90.

Rio de Janeiro, F. Letras/UFRJ, 1992.